



| CRÓNICAS DO EXÍLIO |

Isto não é bem um país

MANUEL QUEIROZ | Director interino do i | manuel.queiroz@grandeporoonline.com

Esta polémica da 25ª hora sobre a introdução das portagens nas auto-estradas que até aqui não tinham custos para os utilizadores (SCUT) diz muito do que é este País.

Durante meses houve protestos populares e discussões em jornais sem ninguém se preocupar demasiado. Claro que o então

simples deputado Miguel Macedo apresentou uma proposta, só assinada por ele, contra a introdução dos “chips”, o PCP e o BE também, mas na prática deixou-se andar. Até que 15 dias antes da data de entrada em vigor o Governo apresentou uma portaria e o PSD do Porto também acordou nas vésperas.

Ninguém se preocupou, por exemplo, com o facto de que os galegos que nos visitam não terem que saber das tecnicidades da coisa. E estamos no Verão. Vamos começar a prender os turistas que não pagam porque nem sequer os informámos de que agora era outra coisa?

Claro que todos sabemos

da urgência do Estado em cobrar mais qualquer coisa, mas é evidente que isto não foi feito com cabeça. E já todos sabemos também como é relativamente fácil para os nossos estadistas decidirem coisas para uma rapaziada que vive lá longe, no Norte, sem ter em conta o contexto real, mesmo que o ministro das Finanças seja

de Moreira da Maia e habite em Paranhos e o ministro da Justiça e o da Defesa também vivam por aqui.

Rui Rio alertou bem: ou comem todos com portagens ou qualquer dia a gente revolta-se mesmo. Mas é extraordinário que tenha tido tanto efeito a menos de dez dias de as portagens estarem para ser

introduzidas, porque me parece que só nesse dia o Governo percebeu mesmo que o assunto era sério. E se o Governo já tinha essa percepção, muita gatinha daqui não, de certeza absoluta. Não havia preocupações. Visto daqui, desta colina de Paço d'Arcos, parece mesmo que foi assim. Seremos mesmo dois países?

NORTEGLOBAL

Português investiga assinaturas moleculares

Cambridge → Computadores ajudam Nuno Barbosa-Morais a traçar perfis tumorais e a procurar novos tratamentos

PEDRO JOSÉ BARROS
pedro.barros@grandeporoonline.com

Já parou para pensar na complexidade do corpo humano? Sabia que cada célula contém uma cópia do genoma e este inclui mais de 20 000 genes? Os genes comportam-se de forma única, individualizando-nos. A constituição genética de cada indivíduo e a sua organização determinam a forma como as doenças se manifestam e evoluem. O investigador científico Nuno Barbosa-Morais, a trabalhar na Universidade de Cambridge, especializou-se em biologia computacional. Recorre aos computadores para que estes seleccionem a informação biológica, a sintetizem e tentem encontrar padrões de comportamento dos genes e, consequentemente, das células.

Deste modo, os computadores permitem ao cientista interpretar fenómenos que se processam à escala do ADN. O instituto onde trabalha Nuno Barbosa-Morais debruça-se sobre o cancro, uma área que o motiva por três grandes razões: a científica, devido ao



➔ Nuno Barbosa-Morais vive em Cambridge e em Setembro vai para a Universidade de Toronto

seu interesse pela biologia molecular; a da utilidade social, de tentar “perceber os mecanismos do cancro através do comportamento celular”; e a motivação de perceber que as melhorias na investigação contra o cancro “são quase diárias” repercutindo-se nos tratamentos.

Descodificar as “assinaturas moleculares” é importante não só para “procurar tratamentos”, mas também como forma de “diagnósti-

co”. Se se conseguir determinar a probabilidade de podemos vir a desenvolver qualquer tipo de cancro, isso ajuda-nos a “preveni-lo e combatê-lo antes de ele se manifestar”, refere o investigador.

PERCEBER O CANCRO

A pesquisa tenta despistar as várias facetas que o cancro pode assumir de indivíduo para indivíduo. “O cancro não é uma doença, são muitas, é quase uma doença

por doente. Todos os cancros têm coisas em comum, mas não é uma doença única”, elucida Nuno Barbosa-Morais. Procura-se fazer “um retrato do que se está a passar ao nível do genoma, com o auxílio do computador, que fornece informação sobre o comportamento dos genes em cada doente”. Para a maior parte das terapias usadas correntemente, “há sempre um grupo minoritário de doentes que não responde ao tratamento”. Esta

abordagem permite “explicar por que é que não respondem de igual forma, ver em que é que são diferentes” e procurar novos tratamentos com experiências de laboratório e ensaios clínicos. “Temos verificado uma constante melhoria das taxas de sucesso e de sobrevivência das pessoas”, conclui o português natural de Viana do Castelo.

PAÍS COMO “UM TODO”

Durante a licenciatura em Engenharia Física e Tecnológica no Instituto Superior Técnico, Nuno Barbosa-Morais já decidiu optar pela vertente da física aplicada. Agradava-lhe a biofísica e acabou por estagiar no Instituto de Fisiologia da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa. Concluído o curso, fez o programa doutoral em Biofísica e Engenharia

Biomédica na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Foi a área da genética a despertar-lhe interesse. Optou pelo doutoramento na Faculdade de Medicina, orientado por Maria do Carmo Fonseca, actual directora-executiva do Instituto de Medicina Molecular da Universidade de Lisboa. Esteve quatro meses na Alemanha e em 2003 mudou-se para Cambridge, começando a trabalhar com um investigador português: Samuel Aparício. Nuno vem frequentemente a Portugal visitar a família. Não consegue olhar para o País dividido em Norte, Centro e Sul, mas “como um todo”. Em termos científicos, constata “melhorias” e uma ciência portuguesa “cada vez mais competitiva”. A Norte, destaca o Instituto Ibérico de Nanotecnologia, o Ipatimup e IBMC.

PERFIL

NUNO BARBOSA-MORAIS

Tem 32 anos e nasceu em Viana do Castelo. Licenciou-se em Engenharia Física e Tecnológica no IST de Lisboa. Doutorou-se em Ciências Biomédicas na Faculdade de Medicina de Lisboa. Faz investigação na Universidade de Cambridge.